

CARLOS VOGT

UNICAMP



A TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DA UNICAMP E A BUSCA DA INTERDISCIPLINARIDADE

POR MARCOS S. QUEIROZ *

R

evista Resgate –
Fale um pouco
da sua formação
profissional.

C a r l o s

Vogt – Bem, eu fiz grupo escolar em Sales Oliveira, que é uma cidadezinha da alta Mogiana, perto de Ribeirão Preto. Depois fiz ginásio em Orlandia, numa cidade vizinha e depois, influenciado por um professor de Português, professor Cyro Armando Catta Preta, que é poeta, fui fazer Clássico em Ribeirão Preto. Estudei sempre em escolas estaduais, na época eram as melhores. Para entrar nelas tinha que fazer exame de seleção. Em Ribeirão Preto, fiz dois anos de clássico.

Resgate – Teve alguém que influenciou os seus estu-

Nesta entrevista, o ex-reitor e atual presidente da Fapesp, Carlos Vogt, fala de sua formação profissional, desde o ensino fundamental em Sales de Oliveira, até chegar à Universidade, quando encontrou em Antônio Candido seu principal conselheiro. Vogt critica o paternalismo do Estado brasileiro e diz que a estrutura na Universidade é o reflexo que esse paternalismo tem na organização das demais instituições. A presente entrevista foi concedida em 2000, antes, portanto, de Vogt assumir a presidência da Fapesp.

dos nessa época?

Vogt – Sim, tive uma professora de Português e Literatura, Florianete Guimarães, que teve bastante influência no que eu fui fazer depois. No terceiro ano, então, eu decidi ir para São Paulo, para fazer o terceiro ano do Clássico. Fiz um outro exame de seleção para entrar no Roosevelt da São Joaquim, que era um colégio famoso, e aí tive professores importantes e ilustres. Bom, terminei o colégio e voltei para o interior, tinha alguns elos afetivos não resolvidos, que tiveram muita importância nessa decisão. Então, eu fiquei seis meses em Sales Oliveira, sem fazer nada e, seis meses depois, decidi que estava na hora de voltar para São Paulo. Voltei e retomei o

cursinho para prestar vestibular no Maria Antonia.

Resgate – Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP?

Vogt – Sim, eu fiz vestibular para o curso de Neolatinas e também para a Faculdade de Direito da São Francisco, em fins de 1961. Eu comecei a cursar as duas faculdades em 1962, mas depois parei com a faculdade de Direito, porque eu precisava trabalhar também, e comecei a dar aulas em cursinho. Fiquei só na Maria Antônia com o curso de Neolatinas, depois Português, até 1965, quando terminei o curso. Em 65 eu estava trabalhando e casei com a Alidê, a mãe da Marianna, minha filha. Em 68 eu retomei formalmente meus estudos, com a pós-graduação em Teoria da Literatura, Teoria Literária e Literatura Comparada, um curso do Professor Antônio Candido. A pós-graduação era uma espécie de especialização. Em 68, houve a disputa e o enfrentamento com as tropas do governo, que estavam aquarteladas lá no Mackenzie, com o apoio de alguns segmentos de dentro

do Mackenzie. Foi quando eles destruíram o prédio da Maria Antônia. Nós tínhamos tomado o prédio da Maria Antônia, nós conseguimos mudar até a estrutura

“

Em 1968, houve a disputa e o enfrentamento com as tropas do governo, no Mackenzie. Nós tínhamos tomado o prédio da Maria Antônia, conseguimos mudar até a estrutura da instituição universitária.

”

da organização, digamos, da instituição universitária, refletindo o que acontecia na França em 68. Várias dessas mudanças influenciaram a criação dos departamentos. O sistema militar abriu uma quantidade de

universidades e a reforma universitária de 68 contemplou essas mudanças todas. Da Maria Antônia, nós mudamos para o prédio da Geografia e História, em 69, na cidade universitária.

Resgate – Quem foram seus professores nesta ocasião?

Vogt – No segundo ano do curso, eu fui aluno do próprio Candido, do Rui Coelho, do Paulo Sales Gomes e do Osvaldo Elias Xidieh, que deu um curso de Literatura popular excelente. Nós tínhamos essas aulas na Aliança Francesa, na General Jardim, e era uma satisfação. Tinha um curso sobre História do Cinema dado pelo Paulo e nós assistíamos desde os primeiros filmes do expressionismo alemão até o Cinema Novo Brasileiro. Foi um momento incrível, em que tudo era polêmica. Nós recebíamos também alguns intelectuais precursores do movimento estruturalista e tudo isso causou uma grande impressão em mim. Foi nessa ocasião que surgiu a conversa sobre Campinas, sobre a Unicamp.

Resgate – Quando o sr.

se vinculou ao quadro docente da Unicamp?

Vogt – A Unicamp tinha sido criada em 66. Em 69, o professor catedrático da cadeira de Francês, Albert Audiebert, veio me falar que eu tinha que ir para a França, para fazer doutoramento. Eu disse: “não posso ir”, porque, na época a bolsa era de 700 e poucos francos, e eu não tinha condições de viver com tal valor, eu era casado. Aí, passou um tempo, eu me encontrei com ele e ele me disse: “Eu tenho uma solução para você. Tem um projeto de criação de um departamento de lingüística, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, e eles estão recrutando pessoal para ter uma formação na França e quero saber se você se interessa”. Eu estava interessado em Teoria Literária, fui conversar com o Antonio Candido, que era uma espécie de conselheiro, uma espécie de consultor informal para o projeto. Quem estava coordenando o projeto de formação das unidades de Ciências Humanas era o professor Fausto Castilho. Aí eu falei com o Antonio

Candido e ele disse: “você tem que ir, é importante”. Foi então que eu decidi vir para Campinas conversar com o Fausto, que já tinha mandado a primeira turma para lá,

“

Eu estava interessado em Teoria Literária. Fui conversar com o Antônio Candido, que era uma espécie de conselheiro. Aí ele disse: “você tem que ir, é importante”. Foi então que eu decidi vir para Campinas.

”

que era o Luis Orlando, o André Vila Lobos, o Antônio Augusto Arantes e o Barone, um matemático que depois foi para a USP.

Resgate – Qual era a

idéia do Fausto para a lingüística?

Vogt – O Fausto tinha muito essa idéia de que se criasse aqui um núcleo inovador de Lingüística, que tivesse uma base em Matemática, de maneira que isso atendesse aos requisitos que, obviamente, já estavam anunciados em vários artigos da Lingüística como ciência piloto para as ciências humanas em geral. Isso tinha a ver também com o nascimento da antropologia estrutural, que tinha essa coisa toda da Lingüística.

Resgate – A idéia era formar uma base “hard” para as Ciências Humanas?

Vogt – Sim, uma ciência minimamente quantificável, que concordasse com os paradigmas científicos. E dentro dessa concepção, lá fomos nós.

Resgate – E o sr. subcreveu a idéia?

Vogt – Todos nós subcrevemos. Quando eu fui para lá, todo o projeto era baseado nesse ponto de vista. A lingüística era muito influenciada pela matemática, pela teoria dos conjuntos. Tudo começou com o Saussure, o

verdadeiro fundador da lingüística. O seu livro *Curso de Lingüística Geral* resultou de uma série de conferências que ele fez no começo do século, ele ainda trabalhava com lingüística histórica, que era o que na época ainda predominava. Mas o livro continha partes extremamente inovadoras que correspondem à criação da nova ciência, da chamada Lingüística. O livro foi uma montagem de seus discípulos e de anotações de estudantes. Esse é o destino de alguns grandes livros, eles não são escritos pelo autor, eles têm, digamos, uma escritura coletiva, e passam a funcionar como uma espécie de bíblia, por que eles fundam um novo campo de conhecimento.

Resgate – O sr. diria que a lingüística contém dentro de si um projeto interdisciplinar, interface com Teoria Literária, Matemática, Fisiologia, Neuro-fisiologia?

Vogt – A Lingüística é sentida, desde o começo, como uma ciência piloto, capaz de constituir também uma referência paradigmática para as Ciências Humanas, constituir-se, então, como uma ciência efetivamente-

te. Há um livro magnífico, de um lógico francês Robert Blanché, que se chama *Estruturas Intelectuais*, em que desenvolve toda uma construção para mostrar

“

A Lingüística é sentida, desde o começo, como uma ciência piloto, capaz de constituir também uma referência paradigmática para as Ciências Humanas, constituir-se, então, como uma ciência efetivamente.

”

que as estruturas lógicas são simbolicamente representativas.

Resgate – Admite um *a-priori*?

Vogt – Sim, você tem

um *a-priori* lógico, que na verdade é um estruturante, a partir do qual você constitui então todos os sistemas, seja o lingüístico, seja os campos morais, psicológicos e a própria lógica científica. Esse movimento todo foi muito estimulante. E tem também a Teoria da Linguagem com a visão do Austin, a Teoria da Linguagem como um ato de fala, e assim por diante, isso nos anos 60. Muita coisa acontecia também com as ciências “hard”, porque você tem no final do século, desde a segunda metade do século XIX, as origens da Física Quântica, que revolucionou a Física. Você vai ter a teoria da relatividade, quer dizer que houve uma revolução total, digamos dentro do paradigma da Física Mecânica. Você tem uma efervescência que vai crescendo, e o mundo transformava-se também política e socialmente. O grande império Austro-Húngaro está em franca decadência. Um mundo, portanto, cujo centro cultural é justamente onde Freud viveu com a família. Esse mundo, de repente, se viu ruindo, com todos seus valores.

Resgate – E surgiram novas formas sociais ...

Vogt – Exatamente, as novas forças, que vêm dos trabalhadores, do socialismo, forças que vêm da própria classe média baixa e de outros segmentos, constituindo digamos todo movimento de agitação cristã. Isso é de uma efervescência, de uma transformação, quer dizer, o cenário está mexendo e o mundo acaba de fato estourando na I Grande Guerra. Toda uma geração é educada dentro das trincheiras, que vai germinar exatamente o nazismo, e Hitler era exatamente o representante dessa coisa.

Resgate – Stalin também...

Vogt – Sim, esse mundo é o mundo no qual nós nos criamos, nossas referências culturais e intelectuais vêm daí, elas chegam aqui no Brasil por vários caminhos. Acho que a primeira menção a Freud no Brasil foi em 1919 no artigo de Franco da Rocha, se não me falha a memória, publicado na *Revista Brasil* que era do Monteiro Lobato. A psicanálise entra aqui sob a for-

ma pejorativa do sexualismo esquematizado por intelectuais católicos.

Bom, e é nesse mundo que nós asseguramos nossas referências.

“

Um contraponto ao projeto da USP aparece com a Universidade de Brasília, uma universidade que nasce nos anos 60 dentro de uma concepção muito moderna, com alta participação do setor produtivo, setor tecnológico etc.

”

Resgate – É nesse contexto que surge a universidade brasileira?

Vogt – Isso, exatamente. Se a gente tomar como referência a primeira grande

universidade de fato no Brasil, que é a USP, vemos que ela nasce como um projeto muito claro, um projeto muito ligado às oligarquias do Estado, traduz uma mistura de tempos novos, de modernização, e ela nasce como reação ao fato de São Paulo ter perdido a Revolução Constitucionalista em 32. Ela nasce como reação àquilo que é considerado retrógrado pelas classes oligárquicas, ao mesmo tempo em que promove a crença na formação e capacitação racional. Um contraponto ao projeto da USP aparece com a Universidade de Brasília, uma universidade que nasce nos anos 60 dentro de uma concepção muito moderna, com alta participação do setor produtivo, setor tecnológico etc. Essa universidade teve seu curso inicial interrompido pelos militares de maneira muito mais forte do que em outras universidades, com um número muito grande de cassações de docentes e uma gestão paralela à universidade.

Resgate– A idéia era criar em Brasília ciclos básicos, como na Unicamp?

Vogt – Isso. A experiência do Zeferino Vaz como reitor em Brasília, nesses anos terríveis, não foi feliz. Ele acabou saindo de lá desgostoso com a universidade, mas a universidade muito desgostosa com ele também em relação aos alunos etc.

Resgate – Foi depois dele ter estado em Ribeirão Preto?

Vogt – Foi. E aí ele deixa Brasília, e vem tocar o projeto da Unicamp, onde, nesse sim, ele foi bastante feliz. A discussão do projeto Unicamp é interessante, porque, desde o início, é um debate de uma universidade moderna, de inserção social bastante grande, envolvendo uma forte interação com o setor produtivo. Veja por exemplo a Física, que trouxe pesquisadores importantes como o Sérgio Porto, o Cerqueira Leite, o José Ripper, entre outros, que estavam nos Estados Unidos e que mantinham interação com o setor produtivo. Na Economia havia um programa com as microempresas. Essa é, digamos, a ideologia da construção da Unicamp, um forte envolvimento com a

comunidade.

Resgate – Esse projeto abrangia também as Ciências Humanas?

Vogt – Sim. O criador

“

A discussão do projeto Unicamp é interessante, porque, desde o início, é um debate de uma universidade moderna, de inserção social bastante grande, envolvendo uma forte interação com o setor produtivo.

”

da Unicamp, Zeferino Vaz, tinha muito essa concepção abrangente da universidade e, conseqüentemente, da cultura, e do processo educacional como sendo o processo fundamental na formação do ho-

mem integral, do homem humanista e do processo civilizatório. Bem, em 1969, quando eu vim para cá, a universidade funcionava dentro dessa concepção integradora, todos os cursos tinham essa estrutura de curso básico, dois anos de curso básico.

Resgate – Isso valia para todos os cursos, Medicina, Engenharia, Física, Ciências Humanas?

Vogt – Todos os cursos. Nas Ciências Humanas, por exemplo, havia dois anos comuns para a Linguística, para a Economia e para as Ciências Sociais. Inclui o logotipo da Unicamp representa esta idéia: os institutos e as faculdades gravitando ali em torno do ciclo básico, que é uma espécie de “ágora”, que reúne todos os saberes e as três bolinhas vermelhas nas pontas, segundo o próprio Zeferino, simbolizavam as grandes áreas do conhecimento: as Humanidades, as Ciências, as Artes e as Tecnologias, com seus raios irradiando e espalhando...

Resgate – Isso simbo-

liza o aspecto interdisciplinar do conhecimento?

Vogt – A universidade impregnou-se muito disso, ela nasceu, portanto, exatamente como você diz, com esse espírito interdisciplinar, da multidisciplinaridade, claro que depois os cursos foram semestralizados, houve muitas mudanças, acabou-se com o ciclo básico, mas a vocação da interdisciplinaridade e da multidisciplinaridade permaneceu. Tanto é assim que, na sequência, quando o professor José Aristodemo Pinotti foi reitor, de 82 a 86, o Paulo Renato Costa Souza passou a coordenar um órgão que se chamava ADU (Assessoria de Desenvolvimento Universitário). Foi, então, que surgiu o projeto da criação dos Centros e Núcleos.

Resgate – Eu gostaria de entender um pouco melhor esse processo. Por que uma universidade que nasce com essa vocação, volta para a comunidade e para interdisciplinaridade, deixa de assumir esta proposta como prioridade?

Vogt – O que aconteceu foi o seguinte: você tinha

uma estrutura universitária, no Brasil, que reproduzia muito a estrutura alemã nas universidades, havia o professor catedrático, e nós inclusive reproduzimos aqui a figura do

“

A universidade nasceu, portanto, exatamente com esse espírito interdisciplinar, da multidisciplinaridade. Claro que depois os cursos foram semestralizados, houve muitas mudanças, acabou-se com o ciclo básico, mas essa vocação permaneceu.

”

professor livre-docente, que é tipicamente alemão. Porque, na verdade, a única pessoa que podia dar aulas era o professor catedrático e, claro, com o aumento da demanda, com a massificação e democratização

do ensino, isso se tornava impossível e a criação do professor livre-docente habilitava um outro professor, que não fosse catedrático, a dar aulas também. A primeira grande transformação foi mexer nessa estrutura, digamos, de competências, que significou acabar com o professor catedrático, criar a figura de professor titular, criar os departamentos e democratizar o processo desses órgãos e os níveis de competência acadêmica para o exercício de aulas e de orientação. Foi então que a capacidade não só de dar aula, mas de orientar e até mesmo de exercer o poder político, sendo chefe do departamento, passou a ser uma atribuição do nível de doutor.

Resgate – Quando isso ocorreu na Unicamp?

Vogt – Isso ocorreu desde que a Unicamp nasceu, ela nasceu dessa maneira, porque ela funcionou durante um bom tempo com o estatuto da USP e depois, com as crises proporcionadas na época do governador Maluf, ela passou, sobretudo no começo dos anos 80, por uma série de delimitações próprias. Em decorrência

disso, na época do reitor Plínio Alves de Moraes, a Universidade sentiu necessidade de criação urgente não só de um estatuto próprio, mas também de uma organização institucional que refletisse os anseios da comunidade e a dinâmica do processo político interno.

Resgate – Parsons, o grande sociólogo americano, por exemplo, discute esse processo, essa transição na universidade para um sistema de poder colegiado, no qual a liderança é diluída no colegiado departamental, onde o poder é partilhado, democrático, então isso vigorava nos Estados Unidos nos anos 30 e 40 e ainda vigora.

Vogt – Sim, porque você, ao invés de ter um professor catedrático, você tem aí um corpo de professores titulares, um corpo de professores adjuntos, um corpo de professores doutores. Nesse contexto, você horizontaliza o poder.

Resgate – É verdade dizer que esta estrutura pode se corromper por cau-

sa do paroquialismo, frequente na estrutura departamental da universidade brasileira, embora não tenha ocorrido nos Estados Unidos?

Vogt – O que se perce-

“

O que se percebe é que os departamentos foram, de certa forma, cristalizando um corporativismo que não acompanhou a dinâmica da produção científica, da produção acadêmica, tampouco da criatividade.

”

be é que os departamentos foram, de certa forma, cristalizando um corporativismo que não acompanhou a dinâmica da produção científica, da pro-

dução acadêmica, tampouco da criatividade. Tanto é assim que, hoje, os recortes acadêmicos criativos da pesquisa e do desenvolvimento universitário se fazem por desenhos que não têm nada a ver com o desenho departamental. São feitos por grupos que se juntam, sejam eles disciplinares ou interdisciplinares, seja como for, mas que não estão comportados no limite do departamento.

Resgate – Nas fronteiras do departamento...

Vogt – Exatamente. Isso tem muito a ver, de um lado com a própria dinâmica do conhecimento, que foi se tornando cada vez mais um conhecimento cujos limites tradicionais foram superados, no processo de transformação e criação de novos campos científicos. Agora, isso tudo tem a ver com uma questão crucial no Brasil que não ocorre nos Estados Unidos, que é a questão do tipo de vínculo trabalhista. No Brasil, o professor tem estabilidade no emprego, o que não ocorre nos Estados Unidos

e essa questão é importante para a produtividade do trabalho.

Resgate – Nos Estados Unidos, se você tem que renovar seu contrato de trabalho, você tem que mostrar produção e a produção de um membro da equipe eleva toda equipe. No Brasil, o processo pode ser o inverso, uma produção de alguém no departamento pode causar ciúmes, inveja...

Vogt – Os “papers” nos Estados Unidos sempre refletem um trabalho coletivo, mesmo que eles sejam individuais. O professor vale não só pelo que ele produz, em conhecimento etc., mas ele vale pelos recursos que ele consegue levar ao seu departamento, para possibilitar as pesquisas. Produzir, nesse contexto, significa desenvolver a capacidade de socializar o conhecimento, mas, ao mesmo tempo, buscar também fontes e recursos para permitir que todos possam produzir. Trata-se de uma dinâmica muito grande, que envolve uma sociedade onde a instituição do libera-

lismo chegou ao ponto máximo, coisa que nós estamos longe ainda para assumir em nosso meio. Nós temos uma estrutura paternalista do estado brasileiro e a estrutura na Universidade é o reflexo que esse

““

Os “papers” nos Estados Unidos sempre refletem um trabalho coletivo, mesmo que eles sejam individuais. O professor vale não só pelo que ele produz. Vale também pelos recursos que ele consegue levar ao seu departamento.

””

paternalismo tem na organização das demais instituições.

Resgate – Então o que atrapalha na Universidade

pública brasileira é o paternalismo?

Vogt – Não tenha dúvidas, a palavra chave é essa. O paternalismo que, por exemplo, se manifesta no fato de que, nos departamentos, os professores podem se digladiar à vontade, mas na hora das atitudes, a preguiça, a improdutividade acaba sempre sendo acobertada por todos. Como essas coisas não mudam de uma hora para outra, os processos de avaliação institucional são importantes, a avaliação não é simplesmente para fazer competição de *ranking* da *playboy*, para saber quem é mais..

Resgate – Mas é importante para a universidade estabelecer uma política...

Vogt – De motivar, de colocar de maneira aberta para o outro uma norma, um padrão de expectativa, isso significa a possibilidade de olhar criticamente aquilo que está sendo feito, mas tem também uma eficácia interna muito grande, que é a de substituir o paternalismo por novas normas institu-

cionais, baseadas na competência e na produção.

Resgate – Está havendo na Unicamp esse processo?

Vogt – Do ponto de vista institucional, não. Mas ele existe do ponto de vista da produção dos grupos e dos pesquisadores que acabam, pela dinâmica do próprio conhecimento, estabelecendo redes de relações que são muito dinâmicas e criativas. As agências financiadoras têm proporcionado estímulo a esse tipo de produção, então, isso sim está acontecendo. Há cinco anos atrás o Brasil participava da produção mundial de ciência com 0.6% e, agora, a sua participação é de 1.4%. O que é mais importante é que essa produção não só dobrou como também houve um processo de descentralização da sua produção.

Resgate – Não está mais concentrada no Estado de São Paulo?

Vogt – Ela está concentrada ainda, já que São Paulo é responsável por mais de 50% da produção científica do país, tendo a FAPESP, uma agência de fo-

ramento que não tem similar em todo o país. Mas esta concentração está diminuindo, principalmente porque a produção científica tem crescido em outros lugares, em outras regiões, o que é uma

“

Uma condição importante para diminuir o paternalismo seria descentralizar a composição do orçamento da universidade e execução orçamentária. Isto é, tirar do centro do poder a capacidade de concentração política.

”

coisa muito importante.

Resgate – O que fazer para diminuir esse paternalismo?

Vogt – Uma condição importante para diminuir o

paternalismo seria descentralizar efetivamente a composição do orçamento da universidade e execução orçamentária, isto é, tirar do centro do poder a reitoria e a capacidade de concentração política que ela continua a ter e, ao mesmo tempo, distribuir os direitos e as responsabilidades inerentes à gestão dos recursos.

Resgate – Como isso poderia ser feito?

Vogt – Com planos de metas, com contratos de realizações de cursos, pesquisa, produção etc. que vão dando a cada departamento uma responsabilidade de gerir, de produzir, e de gozar essa autonomia com responsabilidade. O sistema como um todo precisaria mudar a sua concepção, até mesmo do ponto de vista das agências financiadoras federais, que precisariam, cada vez mais e urgentemente, começar a conceder não só bolsas ou auxílios individuais, mas recursos na forma de *grants*. Como o pesquisador, o grupo ou a entidade gerenciam esses recursos, se eles gastam mais nisso ou mais naquilo, não importa, não tem o menor problema, se ele pega

uma rubrica daqui põe pra lá. O que importa é a instituição ter o resultado, o objetivo alcançado.

Resgate – Se os resultados estiverem aquém dos objetivos, o prejuízo será de todos.

Vogt – No fundo, é preciso, realmente, que haja uma sistemática que possa avaliar, a cada ano, o desempenho dos departamentos, das unidades, dos centros e núcleos e da própria Unicamp. As únicas unidades que são avaliadas atualmente são os Centros e Núcleos. O problema é que o avaliador é, ele mesmo, considerado acima da lei, acima de qualquer suspeita pelo sistema, porque ele próprio não é avaliado, já que os avaliadores em grande parte vêm dos departamentos. Eu não estou falando de avaliação pessoal, mas de avaliação institucional. Isso cria uma perversão no sistema, porque você cria um sistema de casta, um sistema que acaba reconhecendo castas implicitamente. É uma situação lamentável, que consolida o paternalismo e a in-

eficiência.

Resgate – A casta seria o que? Uma casta dos docentes em relação à de pesquisadores?

Vogt – Exatamente. Isso é um total absurdo. O que nós

“
As únicas unidades que são avaliadas atualmente são os Centros e Núcleos. O problema é que o avaliador é considerado acima da lei, acima de qualquer suspeita, porque ele próprio não é avaliado. A maioria vem dos departamentos.”

almejamos é uma sociedade democrática em que a liberdade é fundamental para a produção do conhecimento. Com isso, você tem que ter uma instituição organizada com res-

peito ao mérito acadêmico, a hierarquia tem que estar assentada no mérito acadêmico e não baseada no fato de que uns são docentes e outros são pesquisadores. Isso é um artifício administrativo intolerável, porque classifica docentes e pesquisadores em cidadãos de primeira e segunda classe, é um completo absurdo, que põe as instituições num estado de pré-institucionalidade, o que é muito ruim.

Resgate – Pré-modernidade também...

Vogt – Eu acho que uma das maneiras de romper com esse paternalismo seria uma avaliação ampla, geral e irrestrita da vida acadêmica, da vida institucional etc. É fundamental romper também com essas hierarquias artificiais, que não são baseadas na competência. Uma avaliação das unidades e dos departamentos traria à Universidade uma dimensão maior do que os interesses miúdos, de desavenças entre colegas, de grupos políticos, que consomem muito da energia do docente/pesquisador. Então o que existe é um ranço, políticas pequenas, que recortam a vida

obscura de muitos desses departamentos, e tudo isso tinha que vir à luz.

Resgate – Por que nunca ninguém ainda pensou em implementar tal iniciativa?

Vogt – Eu mesmo tratei disso quando fui reitor, eu tentei criar um processo de avaliação permanente, que foi instalado e produziu resultados bem interessantes. Infelizmente, nas duas gestões que sucederam à minha, o projeto não foi levado adiante, embora ele seja fundamental para que a Universidade consiga ver-se a si mesma e, assim, fazer os

ajustes necessários à sua identidade institucional.

Resgate – Como a Unicamp se coloca diante do momento pelo qual o país atravessa?

Vogt – Você sabe que isso faz parte de um momento de mudança, o país está mudando, o processo de transformação é muito grande. O Brasil experimentou um desenvolvimento perverso no processo de conquista de valores democráticos. Ele sofreu uma inversão de prioridades, porque primeiro foram conquistados e concedidos direitos sociais e políticos, e

não os direitos civis de cidadania, que só muito tardiamente começaram a se desenvolver. A falta da consciência de cidadania é grave, porque permite a corrupção e a falta de consciência moral, que convivem no trato da coisa pública. As Universidades públicas têm um importante papel nas conquistas da cidadania e elas vivem também essa transformação. Eu sou otimista, eu acho que essa transformação vai ocorrer, nós já estamos vivendo isso.

* Marcos S. Queiroz é pesquisador titular e diretor-associado do Centro de Memória da Unicamp.